



**FORUM PARA A
COMPETITIVIDADE**

**PERSPECTIVAS EMPRESARIAIS
Nº 29**

1º TRIMESTRE DE 2025

24 DE ABRIL DE 2025

ESTE DOCUMENTO TEM O PATROCÍNIO DE:



RESUMO EXECUTIVO

- O FMI acaba de publicar aquelas que são as primeiras perspectivas económicas globais a incorporar a subida das tarifas pelos EUA. As previsões para o crescimento mundial foram revistas em forte baixa face a Janeiro, enquanto a inflação deve abrandar a um ritmo mais brando do que o anteriormente esperado.
- Em Portugal, no 4º trimestre, o PIB acelerou fortemente em cadeia, de 0,2% para 1,5%, de que resultou uma melhoria homóloga, de 1,9% para 2,8%. No conjunto do ano, o PIB desacelerou de 2,6% em 2023 para 1,9% em 2024.
- O mais provável é que a economia tenha desaceleração em cadeia no 1º trimestre de 2025.
- O Forum para a Competitividade estima um abrandamento do crescimento, de 1,9% em 2024 para entre 1,5% e 2,0% em 2025, estabilizando entre 1,4% e 2,0% em 2026.
- Em 2024, Portugal exportou 5,3 mil milhões de euros para os EUA, que estão ameaçados a prazo. No entanto, é necessário referir que a previsível deterioração das perspectivas internacionais deverão afectar a generalidade das nossas exportações. Para além disso, será de esperar que a China tente compensar a perda do mercado dos EUA com vendas muito significativas na UE, a preços muito competitivos.
- A taxa de inflação homóloga diminuiu de forma muito clara ao longo do 1º trimestre de 2025, de 3,0% em Dezembro para 1,9% em Março, com um movimento idêntico da inflação subjacente, que baixou de 2,8% para 1,9%.
- O Forum para a Competitividade estima um abrandamento da inflação nacional, de 2,4% em 2024 para entre 2,0% a 2,3% em 2025 e para entre 1,9% e 2,2% em 2026.
- O Forum para a Competitividade uma ligeira subida da taxa de desemprego, de 6,4% em 2024 para entre 6,4% e 6,6% em 2025 e para entre 6,5% e 6,7% em 2026.
- O BCE deve prosseguir a diminuição das taxas de referência, permitindo a continuação da descida das taxas Euribor.
- Trump tem em curso uma revolução simultaneamente ideológica, económica e geopolítica, com profundas consequências para o mundo. A partir de agora, teremos que “pagar” a proteção americana como qualquer cliente de segurança. Pela primeira vez em mais de um século de relacionamento, sentimos o abandono e a solidão geopolítica deste lado do Atlântico.
- Apesar de a floresta representar a maior ocupação do território nacional, Portugal é o segundo país da UE com menor área florestal sob gestão. Só com preços de energia competitivos e estáveis será possível potenciar o papel da indústria de pasta e papel na reindustrialização verde.

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| 1. CONJUNTURA NACIONAL | |
| PIB | 5 |
| Consumo | 8 |
| Exportações | 10 |
| Indústria | 12 |
| Construção | 13 |
| Comércio | 14 |
| Serviços | 15 |
| Turismo | 16 |
| Inflação | 17 |
| 2. AS EMPRESAS E OS SEUS CUSTOS | |
| Financiamento | 19 |
| Trabalho | 21 |
| Fiscalidade | 23 |
| 3. CONJUNTURA INTERNACIONAL | 24 |
| 4. MERCADOS | 26 |
| 5. TRUMP, EUROPA, ALEMANHA E PORTUGAL | 30 |
| 6. FLORESTA DO FUTURO, DESAFIOS DO PRESENTE | 50 |
| 7. LEGISLAÇÃO | 54 |



- PIB com 4º trimestre muito forte

1. CONJUNTURA NACIONAL

Pedro Braz Teixeira ¹

PIB

No 4º trimestre, o PIB acelerou fortemente em cadeia, de 0,2% para 1,5%, de que resultou uma melhoria homóloga, de 1,9% para 2,8%. No conjunto do ano, o PIB desacelerou de 2,6% em 2023 para 1,9% em 2024, enquanto em termos nominais, o PIB aumentou 6,3% em 2024 (9,8% em 2023), atingindo cerca de 285 mil milhões de euros.

No 4º trimestre, na variação em cadeia, o contributo da procura interna desacelerou fortemente, de 1,5% para 0,6%, enquanto o das exportações líquidas passou de fortemente negativo (-1,2%) para claramente positivo (1,0%).

O consumo privado acelerou muito, de 0,8% para 2,9%, sobretudo nos bens duradouros.

Já o investimento foi muito afectado quer pela variação de existências (cujo contributo para a variação em cadeia do PIB passou de 0,4 p.p. para -0,9 p.p.), quer pela deterioração da Formação Bruta de Capital Fixo (de 2,6% para -1,7%), sobretudo devido às Outras Máquinas e Equipamentos (de 10,3% para -12,3%), apesar da aceleração da Construção (de 1,1% para 1,9%) e da recuperação do Equipamento de Transporte (de -4,7% para 2,3%).

Como referimos, as exportações de bens e serviços recuperaram muito em cadeia (de -0,2% para 0,7%), quer nos bens (de 0% para 0,9%), quer nos serviços (de -0,7% para 0,2%). As importações tiveram um comportamento em contraciclo do PIB (de 2,4% para

¹ Director do Gabinete de Estudos do Forum para a Competitividade, responsável pelos textos destas Perspectivas Empresariais, com excepção dos assinalados.



-1,4%), que estará associado à forte queda do investimento e a efeitos de preços. Os termos de troca voltaram a melhorar, embora desacelerando, de 3,1% para 2,2%.

Finalmente, a produtividade medida em horas trabalhadas desacelerou, de 1,9% para 0,9% em termos homólogos.

Previsões de crescimento para Portugal

| Fonte | Data | 2024 | 2025 | 2026 |
|--------------------------------|--------|-----------|-----------|------|
| Ministério das Finanças | Out/24 | 2,1 | 2,2 | 1,7 |
| Comissão Europeia | Nov/24 | 1,9 | 2,1 | |
| OCDE | Dez/24 | 2,0 | 2,0 | |
| Banco de Portugal | Mar/25 | 2,3 | 2,1 | 1,7 |
| Católica | Abr/25 | 2,0 | 2,0 | 2,2 |
| Conselho das Finanças Públicas | Abr/25 | 2,2 | 2,0 | 1,6 |
| FMI | Abr/25 | 2,0 | 1,7 | 1,5 |
| Forum para a Competitividade | Abr/25 | 1,5 a 2,0 | 1,4 a 2,0 | |

**- No 1º trimestre,
a economia terá
desacelerado**

No primeiro trimestre, o consumo privado parece ter mantido um dinamismo significativo, mas não tão dinâmico como no final do ano, enquanto o sector da construção terá mantido um bom desempenho. Já as exportações começaram o ano de forma favorável, mas com uma volatilidade significativa. Assim, o mais provável é que a economia tenha desaceleração em cadeia no início do ano.



- O cenário internacional degradou-se profundamente desde Janeiro

- Forum para a Competitividade estima um abrandamento do crescimento, de 1,9% em 2024 para entre 1,5% e 2,0% em 2025

O cenário internacional degradou-se profundamente desde Janeiro, sobretudo devido às medidas do novo presidente dos EUA. As novas políticas, já aplicadas ou anunciadas, envolvem as relações comerciais, a defesa, a desregulamentação e a imigração, entre outras. Para já, as mais gravosas têm sido as novas tarifas, muito elevadas, aplicadas de forma mais intensa sobre aliados do que sobre os outros países.

Para além disso, têm sido apresentadas com tantos avanços, recuos e suspensões, que lançaram uma elevada incerteza, cujas implicações económicas são quase tão negativas como as medidas em si. Sem clareza, não há investimento nem contratações por parte das empresas, nem há grandes compras por parte dos consumidores.

A nível nacional, mantém-se alguma incerteza política, que poderá ser parcialmente dissipada nas próximas semanas, mas o que parece mais provável é que não haja um governo com uma maioria parlamentar, o que limitará a sua acção e capacidade reformista. Ainda assim, os desafios lançados por Trump têm acordado a UE e esperam-se reformas de algum fôlego no âmbito europeu, de que Portugal poderá beneficiar.

Em termos estritamente económicos, a revisão em baixa das previsões de crescimento para os nossos parceiros comerciais deverá afectar as nossas exportações, para além dos desafios colocados pelas tarifas, que incluem a tentativa da China de substituir os EUA pelo mercado europeu. Para além disso, espera-se a continuação da descida das taxas de juro pelo BCE, agora de forma mais expressiva, beneficiando as nossas famílias e empresas, especialmente expostas às taxas de juro variáveis.

O consumo deverá abrandar com a economia, enquanto o investimento terá dificuldade em beneficiar da diminuição das taxas de juro, devido à elevada incerteza.

Em resumo, o Forum para a Competitividade estima um abrandamento do crescimento, de 1,9% em 2024 para entre 1,5% e 2,0% em 2025, estabilizando entre 1,4% e 2,0% em 2026.



- Consumo expande-se ao ritmo mais elevado desde 2000

- Confiança dos consumidores com forte queda

CONSUMO

Como vimos, o consumo privado acelerou muito, de 0,8% para 2,9%, sobretudo nos bens duradouros (de 2,4% para 7,3%), mas também nos bens não duradouros e serviços (de 0,7% para 2,5%). Em termos homólogos o consumo passou de 3,9% para 5,1%, o valor mais elevado desde o 1º trimestre de 2000, se exceptuarmos o período de recuperação do Covid.

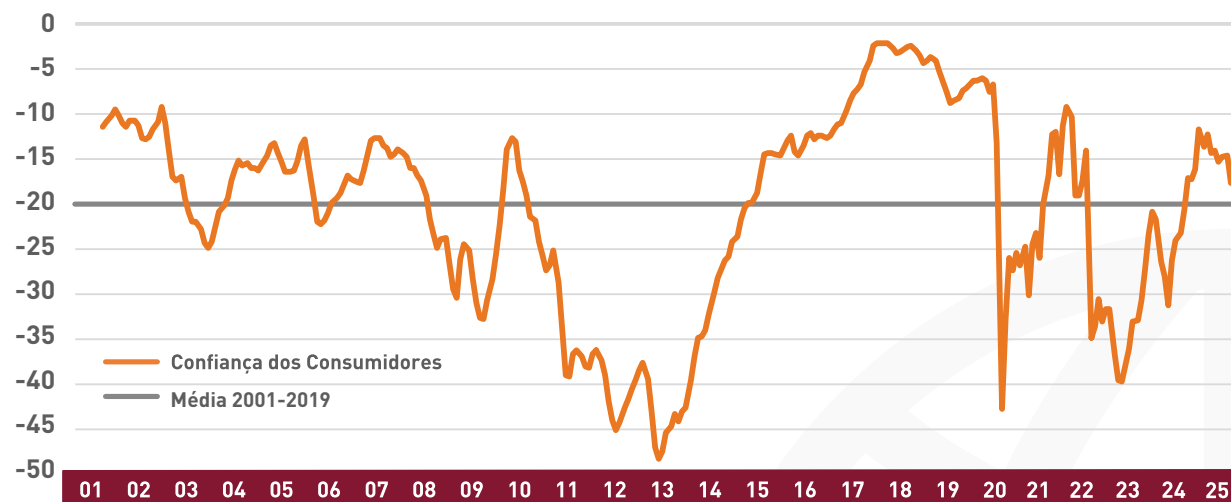
No 4º trimestre de 2024, a taxa de poupança das famílias subiu de novo, de 11,1% para 12,2%, atingindo o valor mais elevado desde o 2º trimestre de 2004, se exceptuarmos o período excepcional da pandemia. Esta subida da poupança das famílias é muito benvinda, porque cria espaço para que o necessário aumento do investimento não se traduza em défices externos.

A confiança dos consumidores terminou o 1º trimestre com uma queda abrupta, provavelmente afectada quer pela crise política nacional quer pelo pessimismo internacional.



**- Consumo privado deverá
abrandar**

Confiança dos consumidores



Fonte: INE.

A evolução do consumo privado está muito condicionada pelo desempenho da economia, que está sob elevada incerteza, mas a ser revista em baixa. Assim, também o consumo deverá crescer menos do que se esperava ainda há pouco tempo. Espera-se a continuação da descida das taxas Euribor, aliviando as famílias, e também algum alívio fiscal em sede de IRS, mas menos do que em 2024, até pelo menor nível de reembolsos. O desemprego deverá ressentir-se do abrandamento da economia, constituindo um travão à despesa das famílias, que também poderão escolher aumentar a poupança por motivo precaução, devido ao clima de dúvidas sobre o futuro.



- Exportações com bom início de ano

EXPORTAÇÕES

No início de 2025, as exportações de bens apresentaram crescimento notáveis, ainda que devidos a efeitos de encomendas de produtos farmacêuticos. Como já tínhamos salientado, embora estas encomendas sejam pontuais, têm-se repetido e poderão repetir-se, a menos que as tarifas alterem por completo as actuais relações comerciais.

Em 2024, Portugal exportou 5,3 mil milhões de euros para os EUA, que estão ameaçados a prazo. No entanto, é necessário referir que a previsível deterioração das perspectivas internacionais deverão afectar a generalidade das nossas exportações. Para além disso, será de esperar que a China tente compensar a perda do mercado dos EUA com vendas muito significativas na UE, a preços muito competitivos, criando dificuldades às empresas portuguesas, mesmo as que não são concorrentes directas dos produtos chineses. Aquilo que for gasto a aproveitar os preços muito convidativos dos bens chineses deixará de ficar disponível para outras compras.



Comércio externo de bens, taxa de variação homóloga

| Indicador | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez | Jan | Fev |
|--------------------------|-------|-------|-------|------|-------|-------|-------|-------|
| Exportações – total | 23,2 | -2,5 | 4,1 | 16,1 | -1,7 | -2,3 | 11,9 | 11,9 |
| Espanha | 11,1 | 1,9 | 10,8 | 14,7 | 0,0 | 1,9 | 2,6 | 5,9 |
| Alemanha | 120,6 | 14,4 | 16,4 | 26,4 | 19,7 | 13,7 | 91,2 | 73,4 |
| França | 1,4 | -1,0 | 4,5 | 4,8 | -10,7 | 3,8 | -5,4 | 2,1 |
| EUA | 50,6 | -13,9 | -43,7 | 25,2 | 17,6 | -45,7 | -13,4 | 24,0 |
| Reino Unido | 8,2 | -12,6 | -6,3 | 5,0 | -13,6 | 17,6 | -2,3 | -11,6 |
| Itália | 11,1 | -0,6 | 11,8 | 24,5 | -14,4 | 4,5 | -3,3 | -0,8 |
| Países Baixos | -12,3 | 19,8 | 52,0 | 38,4 | -2,3 | 28,3 | 25,2 | 23,0 |
| Bélgica | 36,6 | -16,8 | -2,7 | 41,0 | -0,9 | 17,3 | -3,9 | -6,3 |
| Polónia | 16,3 | -22,3 | 25,6 | 1,3 | 5,8 | 18,4 | 2,3 | 19,0 |
| Marrocos | 48,8 | -26,0 | 70,9 | 77,5 | 72,8 | -45,5 | -13,9 | -13 |
| Importações – total | 16,2 | 1,0 | 4,8 | 7,4 | 5,5 | 4,6 | 8,6 | 3,3 |
| Import. sem combustíveis | 13,4 | 1,5 | 11,5 | 7,0 | 6,9 | 2,5 | 9,9 | 2,9 |
| Importações combustíveis | 42,4 | -1,5 | -38,8 | 10,5 | -8,9 | 21,4 | -3,0 | 6,7 |

Fonte: INE.



**- Nova queda das
perspectivas de produção**

INDÚSTRIA

Na indústria, as perspectivas de produção caíram de novo no 1º trimestre, com deterioração das perspectivas internacionais. Em Março, o indicador de confiança diminuiu nos Bens de Consumo e nos Bens Intermédios, tendo aumentado nos Bens de Investimento.

Nos gráficos, optámos por não usar médias móveis a partir de 2020, para evidenciar a evolução de cada mês.

Perspectivas de produção



Fonte: INE, Inquérito Qualitativo de Conjuntura à Indústria Transformadora, médias móveis de 3 meses em relação aos valores corrigidos de sazonalidade.

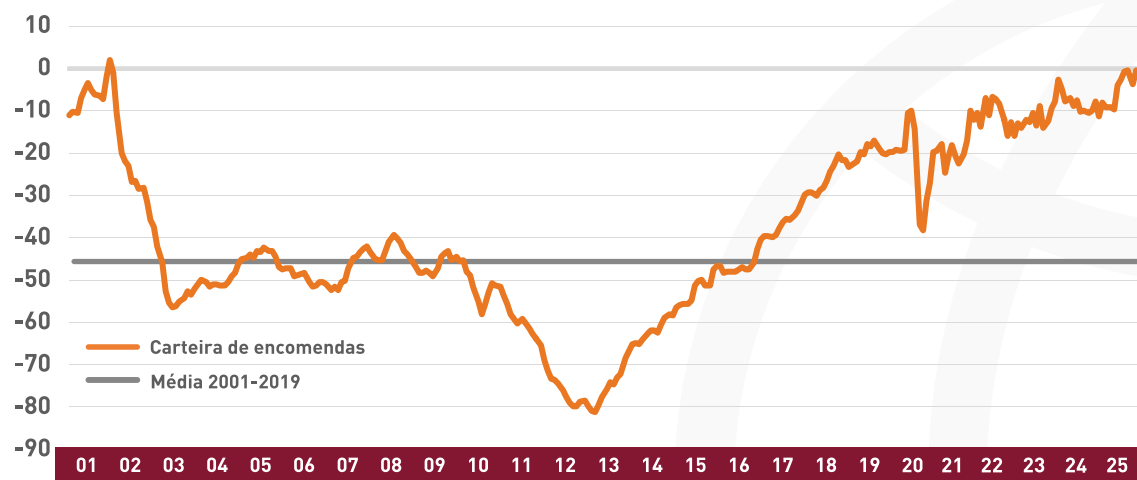


- Carteira de encomendas em máximos de mais de 20 anos

CONSTRUÇÃO

Na construção, a carteira de encomendas prosseguiu a conquista de novos máximos de mais de vinte anos, embora com algumas flutuações.

Carteira de encomendas



Fonte: INE, Inquérito Qualitativo de Conjuntura à Construção e Obras Públicas, médias móveis de 3 meses.

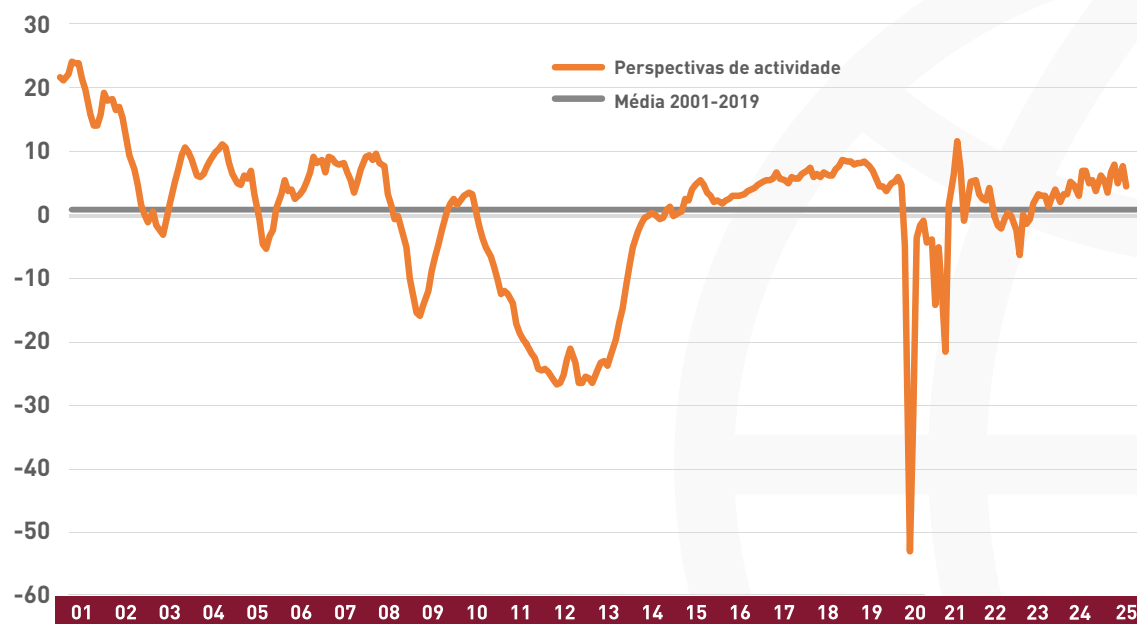


**- Deterioração ligeira de
perspectivas**

COMÉRCIO

No 1º trimestre, as perspectivas de actividade do comércio deterioraram-se ligeiramente, mas com elevada volatilidade

Perspectivas de actividade



Fonte: INE, Inquérito Qualitativo de Conjuntura ao Comércio, médias móveis de 3 meses.

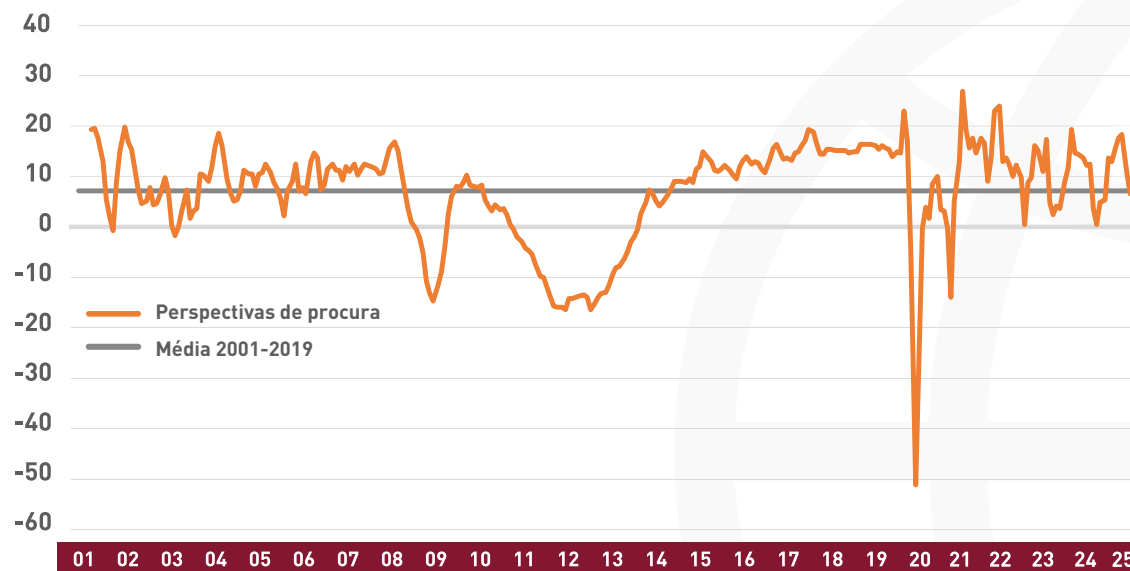


**- Queda abrupta das
perspectivas de procura
de serviços**

SERVIÇOS

Nos serviços, as perspectivas de procura inverteram de forma abrupta as melhorias de perspectiva registadas nos dois trimestres anteriores.

Perspectivas de procura



Fonte: INE, Inquérito Qualitativo de Conjuntura aos Serviços, médias móveis de 3 meses.

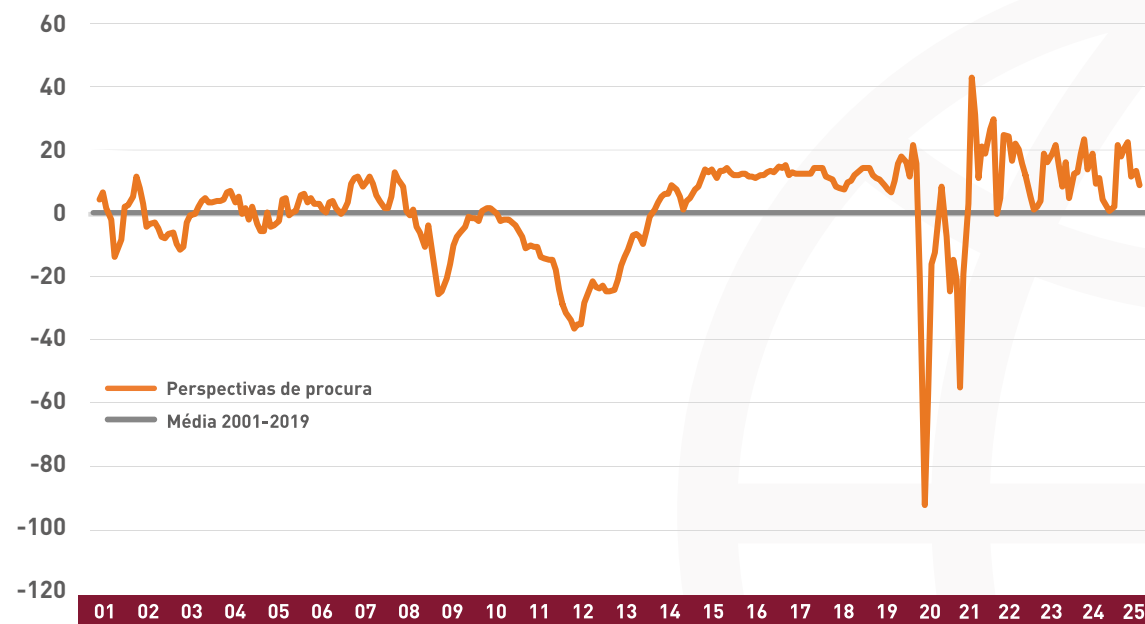


- Também deterioração das perspectivas de procura

TURISMO

No alojamento e restauração, assistiu-se também a uma deterioração das perspectivas de procura no 1º trimestre, após a estabilização do trimestre anterior.

Alojamento, Restauração e Similares. Perspectivas de procura



Fonte: INE, Inquérito Qualitativo de Conjuntura aos Serviços, médias móveis de 3 meses.



**- Forte queda da inflação
no 1º trimestre**

INFLAÇÃO

A taxa de inflação homóloga diminuiu de forma muito clara ao longo do 1º trimestre de 2025, de 3,0% em Dezembro para 1,9% em Março, com um movimento idêntico da inflação subjacente, que baixou de 2,8% para 1,9%. No entanto, a inflação média estabilizou nos 2,4%.

Previsões da taxa de inflação

| Fonte | Data | 2025 | 2026 | 2027 |
|--------------------------------|--------|-----------|-----------|------|
| Ministério das Finanças | Out/24 | 2,3 | 2,0 | 2,0 |
| Comissão Europeia | Nov/24 | 2,1 | 1,9 | |
| OCDE | Dez/24 | 2,2 | 2,1 | |
| Banco de Portugal | Mar/25 | 2,3 | 2,0 | 2,0 |
| Católica | Abr/25 | 2,2 | 2,1 | 2,0 |
| Conselho das Finanças Públicas | Abr/25 | 2,3 | 2,1 | 2,0 |
| FMI | Abr/25 | 1,9 | 2,1 | 2,0 |
| Forum para a Competitividade | Abr/25 | 2,0 a 2,3 | 1,9 a 2,2 | |



- Forum para a Competitividade estima um abrandamento da inflação, de 2,4% em 2024 para entre 2,0% a 2,3% em 2025

As novas tarifas, cujos contornos ainda são incertos, deverão fazer subir os preços. No entanto, com o crescimento a abrandar, poderemos ter um abrandamento do actual processo de desinflação em curso. No próximo ano, poderemos ficar mais próximo do referencial de inflação do BCE. É provável que a desaceleração mundial ajude a moderar os preços das matérias-primas, permitindo que os efeitos agregados sobre os preços se mantenham contidos.

Em resumo, o Forum para a Competitividade estima um abrandamento da inflação nacional, de 2,4% em 2024 para entre 2,0% a 2,3% em 2025 e para entre 1,9% e 2,2% em 2026.



2. AS EMPRESAS E OS SEUS CUSTOS

FINANCIAMENTO



- Crédito continua a crescer abaixo da área do euro

Em fevereiro de 2025, e segundo o Banco de Portugal (BdP), o montante de crédito vivo concedido pelos bancos portugueses às empresas não-financeiras cifrou-se em €72,6 mil milhões, ou mais €132 milhões do que no final de janeiro. Comparativamente ao mesmo mês de 2024, a variação respetiva foi de 1,2%, ligeiramente abaixo dos 1,3% anteriores, com a percentagem a manter um valor positivo pelo sexto mês consecutivo. Registe-se que, comparativamente à média europeia, o crescimento dos empréstimos às empresas portuguesas continuou a revelar um ritmo de expansão mais modesto. No mês em análise, a taxa de variação anual na Área Euro foi de 2,2%, depois de 2,0%, mais 1 p.p. do que no caso português, o melhor resultado desde julho de 2023 e o sétimo mês sucessivo de aceleração.

Por dimensão de empresa, as “microempresas” e as “grandes empresas” mantiveram taxas de variação anuais positivas (7,3%, e 1,7%, respetivamente), enquanto as “pequenas” e “médias empresas” continuaram a registar taxas negativas (-0,3% e -4,5%, respetivamente). Em uma mesma análise, agora por setor de atividade, o setor das indústrias e eletricidade apresentou uma taxa de variação anual de -1,2%, influenciada pela diminuição do crédito às indústrias (-2,8%). No setor do comércio, transportes e alojamento, que registou uma taxa de variação anual de -0,3%, os comportamentos foram diferenciados: o stock de empréstimos concedidos às empresas de transporte e armazenagem diminuiu 3,5% em relação ao período homólogo, enquanto o do



alojamento e restauração cresceu 1,3%. Por último, o setor da construção e atividades imobiliárias registou uma taxa de variação anual positiva, de 5,8% (5,9% em janeiro).

Quanto à informação referente às taxas de juro médias das novas operações de crédito bancário realizado junto das empresas, o BdP revelou que, ainda em janeiro, a taxa de juro média das novas operações de empréstimos voltou a diminuir, desta feita 15 p.b., para 4,25%, a observação mais baixa desde novembro de 2022, e com a respetiva percentagem a permanecer ligeiramente acima da média europeia, de 4,12%. A redução verificou-se nos empréstimos até €1 milhão (4,33%) e acima de €1 milhão (para 4,17%).

Quanto à qualidade dos empréstimos, o rácio dos empréstimos vencidos de empresas não-financeiras permaneceu sem alteração em 1,9% no mês de fevereiro, o nível mais diminuto desde abril de 2008. Por fim, e por setor de atividade, os setores com saldos de crédito vivo mais significativos foram os sectores da “construção e atividades imobiliárias” (22%), seguido pelos setores das “indústrias” (19%) e do “comércio e reparação de veículos” (18%), destacando-se ainda “alojamento e restauração” e “atividade de consultoria e administrativas” (8%).

No que diz respeito aos depósitos detidos pelas SNF, o montante agregado voltou a registar um incremento em fevereiro, para um total de €192,8 mil milhões, mais €250 milhões do que no mês transato. Deste modo, as empresas voltaram a reforçar a já elevada disponibilidade de recursos a fundos próprio a fim de poderem fazer face às necessidades correntes e de investimento, uma tendência que tem vindo a cimentar-se desde o final de 2014.



- Subida do desemprego

TRABALHO

Pedro Braz Teixeira

No 4º trimestre, a taxa de desemprego subiu de 6,1% para 6,7%, mas que foi resultado de o crescimento da população activa (41,6 mil) não ter sido acompanhada por igual crescimento do emprego (7,9 mil).

Em Fevereiro, o mercado de trabalho mostrou sinais de robustez, com uma aceleração do emprego, de 2,0% para 2,2%. A subida marginal da taxa de desemprego ficou a dever-se, de novo, ao dinamismo da população activa e não a qualquer destruição líquida de emprego.

Previsões de taxa de desemprego

| Fonte | Data | 2025 | 2026 | 2027 |
|--------------------------------|--------|-----------|-----------|------|
| Ministério das Finanças | Out/24 | 6,5 | 6,4 | 6,4 |
| Comissão Europeia | Nov/24 | 6,3 | 6,2 | |
| OCDE | Dez/24 | 6,3 | 6,2 | |
| Banco de Portugal | Mar/25 | 6,4 | 6,4 | 6,4 |
| Católica | Abr/25 | 6,2 | 6,0 | 5,8 |
| Conselho das Finanças Públicas | Abr/25 | 6,5 | 6,4 | 6,3 |
| FMI | Abr/25 | 6,5 | 6,4 | 6,3 |
| Forum para a Competitividade | Abr/25 | 6,4 a 6,6 | 6,5 a 6,7 | |



- Forum para a Competitividade antecipa uma ligeira subida da taxa de desemprego, de 6,4% em 2024 para entre 6,4% e 6,6% em 2025

Com o crescimento do PIB esperado para 2025 e 2026 em níveis um pouco abaixo do potencial da economia, poderá registar-se uma subida ligeira da taxa de desemprego, mas mantendo-se ainda dentro do intervalo das estimativas da taxa natural de desemprego (entre 6% e 7%).

A economia portuguesa tem revelado uma capacidade notável de criar emprego, embora não muito qualificado, recorrendo a um número muito significativo de imigrantes, cujo total cresceu de forma muito expressiva. Com o recente aumento das restrições à entrada de imigrantes, é provável que o abrandamento da economia abrande muito a entrada de trabalhadores imigrantes, de tal modo que a subida da taxa de desemprego seja limitada.

Assim, o Forum para a Competitividade antecipa uma ligeira subida da taxa de desemprego, de 6,4% em 2024 para entre 6,4% e 6,6% em 2025 e para entre 6,5% e 6,7% em 2026.



FISCALIDADE

[Despacho n.º 236-A/2025, de 6 de janeiro](#): Aprova as tabelas de retenção na fonte sobre rendimentos do trabalho dependente e pensões auferidas por titulares residentes no continente para vigorarem durante o ano de 2025.

[Despacho n.º 422/2025, do Gabinete da Secretária de Estado dos Assuntos Fiscais](#): Aprova a declaração periódica de rendimentos modelo 22, respetivos anexos e instruções de preenchimento.

[Despacho n.º 2416-A/2025](#): Aprova o modelo de inscrição no regime de incentivo fiscal à investigação científica e inovação e respetivas instruções.

[Portaria n.º 49/2025/1, de 20 de fevereiro](#): Aprova o Regulamento Específico do Sistema de Incentivos à Competitividade das Startups.

[Portaria n.º 52-A/2025/1, de 25 de fevereiro](#): Altera a Portaria n.º 352/2024/1, de 23 de dezembro, que regulamenta o regime de incentivo fiscal à investigação científica e inovação, previsto no artigo 58.º-A do Estatuto dos Benefícios Fiscais.

[Decreto-Lei n.º 34/2025, de 24 de março](#): Aumenta o limiar do volume de negócios para efeitos de acesso ao regime do IVA de caixa.

[Decreto-Lei n.º 49/2025, de 27 de março](#): Aprova medidas de simplificação fiscal, alterando, designadamente, o Estatuto dos Benefícios Fiscais, o Código de Procedimento e de Processo Tributário e outros atos legislativos.



**- Forte revisão em baixa
das perspectivas de
crescimento**

3. CONJUNTURA INTERNACIONAL

Pedro Braz Teixeira

O FMI acaba de publicar aquelas que são as primeiras perspectivas económicas globais desde que o novo presidente dos EUA desencadeou um conjunto de mudanças políticas, em que se destaca a subida de tarifas para o nível mais elevado dos últimos cem anos e um ambiente altamente imprevisível.

As previsões para o crescimento mundial foram revistas em forte baixa face a Janeiro, enquanto a inflação deve abrandar a um ritmo mais brando do que o anteriormente esperado. Um dos aspectos mais irónicos desta revisão é que ela foi mais intensa nos EUA, devido a decisões que era suposto beneficiarem este país. Para 2025, os EUA já só devem crescer 1,8% (em vez de 2,7%) e a zona euro já só 0,8% (em vez de 1,0%).

Os riscos negativos dominam, com a escalada das tensões comerciais e os ajustamentos nos mercados financeiros. As alterações súbitas de política e a deterioração da confiança podem agravar o cenário. A diminuição da cooperação internacional deverá colocar em causa os esforços para uma economia global mais resiliente.



**- Deterioração das
perspectivas de curto
e médio prazo**

Previsões de crescimento e inflação

| País | 2024 | 2025 | 2026 | 2027 |
|----------------|------|------|------|------|
| África do Sul | 0,6 | 1,0 | 1,3 | 1,6 |
| Alemanha | -0,2 | -0,1 | 0,9 | 1,5 |
| Angola | 4,5 | 2,4 | 2,1 | 2,5 |
| Argélia | 3,5 | 3,5 | 3,0 | 2,8 |
| Austrália | 1,0 | 1,6 | 2,1 | 2,3 |
| Áustria | -1,2 | -0,3 | 0,8 | 1,6 |
| Bélgica | 1,0 | 0,8 | 1,0 | 1,2 |
| Brasil | 3,4 | 2,0 | 2,0 | 2,2 |
| Canadá | 1,5 | 1,4 | 1,6 | 1,7 |
| China | 5,0 | 4,0 | 4,0 | 4,2 |
| Colômbia | 1,7 | 2,4 | 2,6 | 2,8 |
| Coreia do Sul | 2,0 | 1,0 | 1,4 | 2,1 |
| Dinamarca | 3,7 | 2,9 | 1,8 | 1,6 |
| Espanha | 3,2 | 2,5 | 1,8 | 1,7 |
| Estados Unidos | 2,8 | 1,8 | 1,7 | 2,0 |
| França | 1,1 | 0,6 | 1,0 | 1,2 |
| Índia | 6,5 | 6,2 | 6,3 | 6,5 |
| Itália | 0,7 | 0,4 | 0,8 | 0,6 |
| Japão | 0,1 | 0,6 | 0,6 | 0,6 |
| Marrocos | 3,2 | 3,9 | 3,7 | 3,6 |
| México | 1,5 | -0,3 | 1,4 | 2,1 |
| Moçambique | 1,9 | 2,5 | 3,5 | 4,3 |
| Países Baixos | 1,0 | 1,4 | 1,4 | 1,4 |
| Polónia | 2,9 | 3,2 | 3,1 | 3,0 |
| Reino Unido | 1,1 | 1,1 | 1,4 | 1,5 |
| Rússia | 4,1 | 1,5 | 0,9 | 1,1 |
| Suécia | 1,0 | 1,9 | 2,2 | 1,9 |
| Suíça | 1,3 | 0,9 | 1,6 | 1,2 |
| Taiwan | 4,3 | 2,9 | 2,5 | 2,4 |
| Turquia | 3,2 | 2,7 | 3,2 | 3,4 |
| Zona Euro | 0,9 | 0,8 | 1,2 | 1,3 |
| PORTUGAL | 1,9 | 2,0 | 1,7 | 1,5 |

Fonte: FMI (Abr-25).



4. MERCADOS



MERCADOS MONETÁRIOS E CAMBIAIS

- **BCE voltou a descer
taxas de intervenção**

As taxas Euribor ao longo dos últimos meses continuaram a registar uma gradual tendência de descida para os diferentes prazos, ajustando-se às alterações verificadas ao nível das taxas diretoras por parte do Banco Central Europeu e antecipando ainda novas descidas nas mesmas, o que acabou por acontecer nas reuniões realizadas em janeiro e março.

Tal como se esperava, o Conselho do Banco Central Europeu (BCE) decidiu voltar a descer as suas taxas de juro diretoras nas últimas reuniões, em linha com as expectativas criadas pelos investidores e analistas, decisão suportada pela gradual descida ao nível da inflação, mas também pelas expectativas menos positivas para a evolução da atividade económica. A taxa de juro aplicável às operações principais de refinanciamento desceu na última reunião do BCE de 2.90% para 2.65%, a taxa de juro aplicável à facilidade permanente de cedência de liquidez desceu de 3.15% para 2.90%, enquanto a taxa de juro aplicável à facilidade permanente de depósito desceu de 2.75% para 2.50%, o que



correspondeu a uma descida de 0.25% face aos valores anteriores. Salienta-se ainda que é através da taxa associada à facilidade permanente de depósito que o BCE define agora a orientação da política monetária e, por outro lado, após a revisão do quadro operacional, o diferencial entre a taxa de juro das operações principais de refinanciamento e a taxa de juro da facilidade permanente de depósito passou a ser fixado nos 15 pontos base e o diferencial entre a taxa da facilidade permanente de cedência de liquidez e a taxa das operações principais de refinanciamento é de 25 pontos base.

Desde que se iniciou o processo de descidas das suas taxas diretoras em julho de 2024, o BCE já desceu as taxas de referência por seis vezes numa amplitude total de 1.5% (com base na facilidade permanente de depósitos). No ano de 2025 foram anunciadas duas descidas nas taxas diretoras numa amplitude de 0.50%

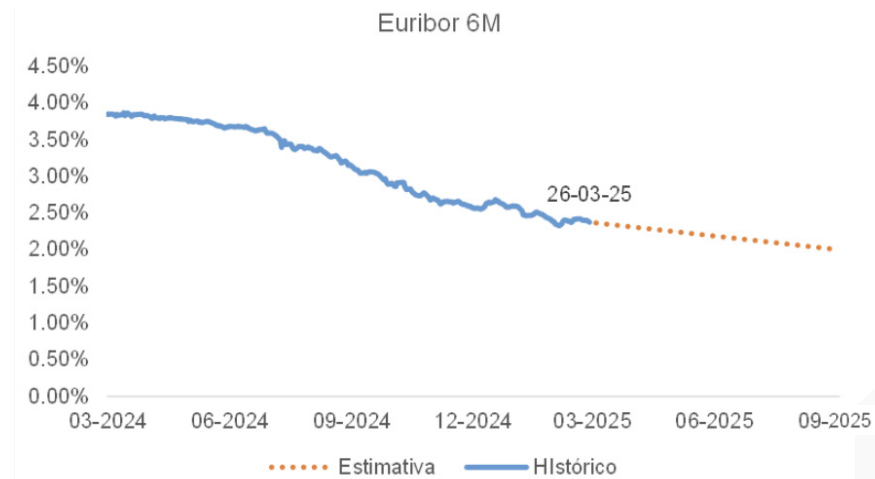
O BCE considera agora que a política monetária já é menos restritiva, o que poderá significar que o movimento de descida de taxas estará próximo do final, mas naturalmente a evolução das mesmas irá depender do enquadramento económico em cada momento, em particular dos indicadores relacionados com a inflação, crescimento económico e emprego.

No atual enquadramento, em que as decisões de política monetária por parte do Banco Central Europeu continuarão a ser tomadas em função dos indicadores económicos e financeiros, os mercados continuam a descontar a possibilidade de se verificar uma nova descida das taxas de juro diretoras do BCE nos próximos meses, o que terá impacto no comportamento da Euribor para os diferentes prazos.



- Dólar norte-americano perde face ao Euro

Euribor a 6 meses



Nos meses mais recentes o Dólar norte-americano mostrou dois comportamentos diferentes. Logo após a realização das eleições presidenciais nos Estados Unidos assistiu-se a uma tendência de valorização do USD, aproximando-se da paridade em relação ao EUR, refletindo a expectativa de apresentação de medidas protecionistas por parte da nova administração no início do mandato, o que tem vindo a acontecer. Contudo, desde meados de fevereiro e como reação dos investidores a expectativas menos positivas para a economia norte-americana (menor crescimento económico e inflação mais elevada), o dólar tem vindo a registar uma tendência de descida, até valores próximos de 1.08 face ao euro.

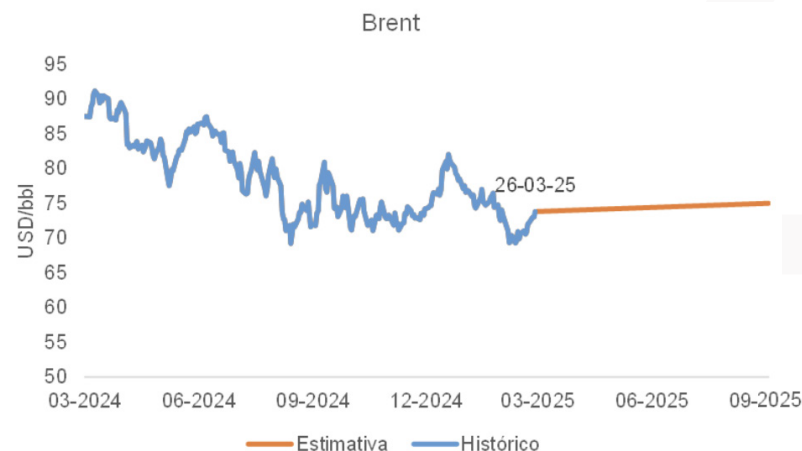


- Contexto de incerteza geopolítica continua a exercer influência nos preços

MATÉRIAS PRIMAS

O Brent iniciou o ano com preços médios abaixo dos \$80 por barril, condicionado por um contexto significativo em termos de incertezas económicas e geopolíticas. A possibilidade de novas sanções à Rússia e Irão providenciaram algum suporte aos preços, mas por outro lado, o aumento das probabilidades de guerras comerciais na sequência das decisões da Administração Trump em impor tarifas à importação de um leque alargado de bens provenientes de várias geografias, incluindo a Europa, tiveram um efeito contrário. Este duplo impacto, com sinais contrários sobre os preços, deverá continuar a condicionar a evolução dos preços do crude no futuro imediato.

Preço do petróleo





- Trump é um líder transacional e não relacional

5. TRUMP, EUROPA, ALEMANHA E PORTUGAL

Luís Mira Amaral²

1. EUA E A REVOLUÇÃO DE TRUMP

Trump e as tarifas

Trump tem em curso uma revolução simultaneamente ideológica, económica e geopolítica, com profundas consequências para o mundo. Sob a sigla MAGA (Make America Great Again), Trump vai tentar utilizar todo o poder que a América ainda tem para fazer essa revolução e para manter a condição de potência hegemónica, face ao enorme desafio económico, industrial e tecnológico posto pela China.

As principais vítimas começam por ser os seus principais vizinhos, México e Canadá, parceiros da zona de comércio livre USMCA que Trump negociou no primeiro mandato, os aliados estratégicos e os parceiros económicos, como os membros da NATO e a UE. Trump é um líder transacional e não relacional, não lhe importando as relações dos EUA com os seus parceiros e amigos, antes procurando fazer deals que lhe pareçam vantajosos. Temos uma política nacionalista e transacional sob o lema de “América First”.

Para Trump, todos eles têm beneficiado da relação privilegiada com a economia americana e do acesso das suas exportações ao grande mercado interno americano. É preciso reconhecer que, exceptuando o caso europeu, numa forma geral os EUA tinham tarifas mais baixas do que as que os principais exportadores para o mercado americano impunham às suas importações dos EUA. A ideia de reciprocidade nas tarifas pode fazer sentido numa negociação bilateral mas se verificarmos as tarifas médias entre os EUA e a UE, elas eram semelhantes, 4,3% nos EUA, 4,5% na UE, embora com desvios

²Engenheiro e Economista. Presidente do Conselho Consultivo do Forum para a Competitividade.



- A partir de agora, teremos que “pagar” a proteção americana como qualquer cliente de segurança

entre sectores. Trump, como é chocante na USMCAN, também ignora a importância das cadeias de valor global no actual comércio internacional. E ao taxar bens intermédios dessa cadeias de valor global que as empresas americanas usam como inputs para produzirem bens finais, está a prejudicar a competitividade dessas empresas, como a própria TESLA já referiu. Por outro lado, taxar bens de consumo final, além de ter um impacto inflacionista de curto prazo (a médio prazo, sendo a tarifa um imposto sobre o consumo, esse impacto vai depender da elasticidade procura-preço dos bens), isso, além de prejudicar o consumidor americano, apenas vai no curto prazo beneficiar empresas que já produzem esses bens nos EUA e que têm capacidade excedentária. Ao usar as tarifas para estimular a produção de bens que não se produzem nos EUA, será duvidoso que tais bens voltem a ser produzidos nos EUA e mesmo que tal possa vir a acontecer leva tempo.

Como bem sentimos na Nato, Trump acha que beneficiámos também da garantia de defesa fornecida pelos EUA e a partir de agora, teremos que “pagar” a proteção americana como qualquer cliente de segurança, ou garantir a nossa própria defesa.

E todos serão obrigados por Trump a colaborar na correção dos desequilíbrios provocados na economia, designadamente os défices gémeos, orçamental e comercial, a desindustrialização e a sobrevalorização do dólar, tendo que aceitar as “tarifas”, mais ou menos discricionárias, que lhes vão sendo impostas. Também há uma preocupação americana, que já vinha da Administração Biden e que considero pertinente, que tem a ver com os riscos ligados à falta de produção de materiais básicos como o ferro ou o aço, de produtos farmacêuticos (em termos de segurança sanitária face designadamente a epidemias) e de chips, estando aqui em causa o equipamento militar. Jack Sullivan, o conselheiro de Segurança e de Defesa de Biden era aliás o principal defensor da política industrial americana, pois dizia que um país que não produza os seus equipamentos militares não consegue manter-se como potência militar.



**- É preciso relativizar o
défice comercial de bens
e serviços americano**

É contudo preciso relativizar o défice comercial de bens e serviços americano que em termos macroeconómicos traduz um excesso de consumo dos americanos em relação à produção americana dos mesmos: (1) muitas multinacionais americanas deslocalizaram a produção para outros países e a partir deles servem o consumidor americano; (2) a balança de bens (a velha balança de mercadorias) é deficitária mas a balança de serviços (software e serviços tecnológicos e de Informação das grandes tecnológicas americanas, de que todos dependemos) é excedentária; (3) considerando a balança corrente, composta por balança comercial (bens e serviços) e fluxos financeiros de rendimentos de trabalho e capital, esta reflecte a diferença entre poupança e investimento, sendo positiva quando a poupança excede o investimento e negativa no caso contrário, como acontece nos EUA em que a poupança não chega para o investimento; (4) mas para vermos o equilíbrio/desequilíbrio externo dos EUA com o resto do Mundo temos ainda de somar à balança corrente a balança de capitais, a qual é um reflexo da procura e oferta de activos financeiros e outros dos EUA com o exterior. Em suma, o equilíbrio externo dum país vê-se pela soma das balança corrente (na qual está incluída a balança comercial) e balança de capitais e reflecte no caso dos EUA quer a política orçamental do governo federal quer a política monetária do FED. O que interessará é o défice ou excedente global dum país com o resto do Mundo e isso, como referido, terá de levar a ajustes das políticas orçamental e monetária, e não a análise da relação dos EUA com cada um dos países ou blocos económicos, como Trump quer fazer. A ênfase colocada por Trump no desequilíbrio apenas da balança de bens, quando a relação dos EUA com o resto do mundo deve considerar a soma das balanças corrente e de capitais, tem a ver com a estratégia de tentar que esses fornecedores de bens industriais aos EUA invistam nos EUA, passando aí a produzir os bens que antes exportavam, contribuindo assim para uma reindustrialização americana.



- O déficit público federal com a consequente dívida pública federal ameaçam não ser sustentáveis

- O Secretário de Estado do Tesouro pretende reduzir para metade o déficit orçamental este ano

O déficit federal e o ajustamento da economia americana

O déficit público federal (mais de 6% do PIB) com a consequente dívida pública federal (mais de 120% do PIB) ameaçam não ser sustentáveis. Se não fosse o excepcionalismo americano, os EUA poderiam ver a prazo a chegada do FMI... Parece-me evidente que os EUA vão precisar dum ajustamento macroeconómico com Trump ou sem Trump e ao fazê-lo, como são ainda a maior economia mundial, todos nós no resto do Mundo vamos pagar tal ajustamento. O que está em causa com Trump é o modo de fazer as coisas parecendo querer agredir tudo e todos (sobretudo os aliados), a irracionalidade de algumas medidas e as contradições entre elas, não tendo qualquer racional económico a forma como Trump calculou a 2 de Abril as tarifas a aplicar a cada país.

O Secretário de Estado do Tesouro pretende reduzir para metade o déficit orçamental este ano, precisando urgentemente de aumentar receitas e reduzir despesas. Por mais que Musk e o seu Departamento de Eficiência se esforcem, com cortes cegos e violentos, a redução de despesa não será suficiente e por isso seria necessário também de cortes nas áreas da saúde e segurança social, coisa que Trump não fará.

Mas no meio desta necessidade de redução do déficit, Trump comprometeu-se a reduzir impostos e por isso, segundo ele, a única forma de compensar a perda de receita fiscal é pôr os parceiros comerciais, através das “tarifas”, a financiar a redução dos impostos dos americanos, coisa aliás que o Secretário de Estado do Tesouro no primeiro governo americano após a independência conseguiu numa época em que não existiam os impostos sobre o rendimento. Mas haverá aqui uma contradição pois se as tarifas surtirem efeitos, diminui a procura dos bens taxados e a receita tarifária é prejudicada mas se conseguir obter uma substancial receita tarifária, então as tarifas não surtem efeito pois não diminuem a procura dos bens a elas sujeitas! É obvio que se a economia americana já estivesse sob a alçada do FMI, com o déficit federal que tem, não seria possível essa redução de impostos.



- Trump tem um love affair com as tarifas...

- Começaram imediatamente as retaliações, designadamente da China

As tarifas e a guerra comercial

Já se tinha percebido do primeiro mandato que Trump tem um love affair com as tarifas....

Trump, com o seu Liberation Day arriscou-se a lançar o Mundo numa tremenda guerra comercial. Começou por aplicar a todos os países e blocos económicos um aumento de tarifas (DT) calculada pela seguinte formula para cada caso:

$DT = \text{saldo da balança comercial} / 2x \text{ importações}$.

Com esta fórmula, o Vietname, China, Índia, Coreia do Sul, Japão e União Europeia teriam aumentos nas tarifas respectivamente de 46%, 34%, 27%, 26%, 24% e 20%. De notar que o Vietname, o Camboja e o próprio México tinham sido muito beneficiados no primeiro mandato de Trump com as tarifas então aplicadas à China que tinham levado à deslocalização para esses países de produções vindas da China, tendo esses países subido no ranking das cadeias de valor globais que produzem os bens intermédios. Agora, também são vítimas de Trump mas o Vietname foi um dos primeiros a declarar-se disposto a negociar com Trump.

Obviamente começaram imediatamente as retaliações, designadamente da China, país que retaliou a sério, estando no momento em que escrevo este texto as tarifas dos EUA para as exportações chinesas em 145% e as chinesas para as importações dos EUA em 125%!

Segundo o banco suíço EFG, em webinar para os seus clientes, três cenários se colocavam então: (1) probabilidade de 40% – rondas subsequentes de retaliação com completa guerra comercial à escala mundial, levando a economia americana e as outras a uma recessão, com um pico de inflação resultante das tarifas e da disrupção das cadeias de valor globais, atenuada depois pela fraqueza da procura; (2) probabilidade de 55% – após



- Os indicadores de confiança de consumidores e investidores começaram a cair

um período inicial de retaliação, os países atingidos começam negociações bilaterais com os EUA para resolver a situação e a ameaça tarifária começa gradualmente a dissipar-se, tendo havido algum afrouxamento do crescimento mas evita-se a recessão; (3) probabilidade de 5% –tendo obtido concessões significativas dos seus parceiros comerciais, Trump desmonta as tarifas impostas no Liberation Day e após o susto inicial, o crescimento liderado pelos EUA recomeça e o cenário de recessão é esquecido.

Face à reação dos mercados e estando as bolsas a cair a pique, o Secretário de Estado do Tesouro Bessent meteu-se no avião e foi à Florida explicar a Trump a necessidade duma pausa. Trump recuou e suspendeu entretanto as tarifas por 90 dias, excepto para a China, e embora tudo seja possível, parece desenhar-se o cenário (2) de começo de negociações bilaterais.

A seguir e em complemento desta suspensão, Trump acaba de isentar de tarifas os telemóveis, tablets e computadores. Já se falava que os americanos iriam pagar por um Iphone feito na China mais de dois mil dólares...

A reação dos mercados

Os indicadores de confiança de consumidores e investidores, muitos deles do Partido Republicano e que votaram em Trump, começaram a cair, e as bolsas sinalizaram enfaticamente tal. De notar que os americanos dependem muito mais dos mercados de capitais do que nós europeus (nos EUA investe-se no mercado de capitais, na Europa investe-se em depósitos bancários) e que os EUA estão também vulneráveis à percepção dos investidores externos sobre a economia americana, na medida em que 30% dos activos das bolsas americana estão em mãos estrangeiras e a Posição de Investimento Internacional (PII) dos EUA, que é a diferença entre a soma de todos os activos detidos pelos cidadãos americanos no exterior e a soma de todos os activos detidos pelos cidadãos estrangeiros nos EUA é negativa (-87% do PIB), sendo positiva



- Trump desejaria levar a economia americana para um desenvolvimento em circuito fechado

na nossa UE. Neste contexto, a FED mantém uma prudente atitude de esperar para ver antes de continuar a reduzir taxas face às ameaças inflacionistas e alguns já receiam um cenário de recessão. O próprio Trump admitiu dificuldades nesta “transição” tendo em conta a transformação que ambiciona.

A Trumpnomics

O grande guru económico de Trump foi Peter Navarro no primeiro mandato. Mas há outro economista, Stephen Miran, que escreveu “A User’s Guide to Restructuring the Global Trading System” em Novembro de 2024, modelo teórico subjacente à nova política comercial americana, e que me parece bem mais consistente para explicar a TRUMPONOMICS (Trump+Economics), sendo este texto na minha opinião o verdadeiro guião para o que Trump está a tentar fazer. Também o Secretário de Estado do Tesouro, Bessent no seu discurso no Economic Club de Nova Iorque e alguns trabalhos da Heritage Foundation terão dado o seu contributo.

É preciso ter consciência que a economia americana, como grande economia continental, é relativamente fechada ao exterior pois que o rácio Importações+exportações/PIB é pequeno face à grande dimensão do PIB. Os EUA só exportam cerca de 11% do PIB, não tendo as empresas americanas grande incentivo para exportarem face a um fabuloso mercado interno com consumidores que têm uma renda média per capita de 60 mil dólares/ano! Neste contexto, se tivesse tempo, coisa que nem os mercados, como se está a ver, nem a democracia americana lhe vão dar, Trump seria capaz de levar a economia americana para um desenvolvimento em circuito fechado, conjugando autarcia com a plutocracia dos seus amigos Musk & Associados... Acemoglu, um dos autores do célebre “Why Nations Fail” escreveu a este propósito um interessante artigo no Financial Times, antecipando o que seria a economia americana, a caminho do Terceiro Mundo, com este modelo em 2025...



- Alguns já esperariam que as novas potências emergentes viessem a pôr em causa a “ordem americana”, não esperavam é que fossem os EUA a fazê-lo

A nova ordem para o comércio internacional

E no melhor cenário face à rutura provocada por Trump na lógica do comércio internacional talvez tenhamos uma globalização, nalguns casos por comércio bilateral (managed trade) noutras por grandes blocos económicos, de que a UE é um exemplo, podendo a UE minimizar o mercado americano com novos acordos como o que pretende estabelecer com o Mercosur e até com o Canadá e o Reino Unido, em vez duma globalização feita pelas regras multilaterais do comércio internacional e que eram geridas pela Organização Mundial do Comércio, modelo esse criado pelos EUA... É claro que a China vai tentar aproveitar este vazio deixado pelos EUA... E já está em negociações com dois tradicionais aliados asiáticos dos EUA, Japão e Coreia do Sul, para um acordo de comércio entre eles que minimize o protecionismo americano. Alguns já esperariam que as novas potências emergentes, e designadamente a China, viessem a pôr em causa a “ordem americana”, não esperavam é que fossem os EUA a fazê-lo... E se pensarmos em termos de importações e exportações, na Guerra EUA-China, esta aparece à priori em desvantagem pois exporta muito mais para os EUA do que estes para a China. Por aqui, pareceria que Trump é que tinha as cartas mas é preciso não esquecer duas armas poderosas que a China tem: (1) o controlo quase total das terras raras e das matérias primas necessárias à transição energética e às empresas tecnológicas americanas, podendo a China, como já está a acontecer, proibir as exportações para os EUA; (2) o elevado stock de títulos de dívida pública americana que poderá, como retaliação, começar a vender, o que levaria o preço desses activos a começar a cair de forma significativa e, sendo títulos de renda fixa, os respectivos yields começariam a subir (yield= cupão fixo/preço do título), provocando o disparo dos juros da dívida pública americana num contexto em que o serviço da dívida americana já é muito elevado e a dívida americana tem de ser refinanciada. Terão usado já esta arma com uma venda de cerca de 50 mil milhões de dólares desses títulos e os juros da dívida pública dispararam para valores perto dos 5%.



- Pela primeira vez em mais de um século de relacionamento, sentimos o abandono e a solidão geopolítica deste lado do Atlântico

- Conviria que a Europa aprendesse com os americanos o conceito de indústrias duais

- É preciso construir uma indústria de defesa paneuropeia e aumentar os gastos militares

2.UNIÃO EUROPEIA, INDÚSTRIA DE DEFESA PANEUROPEIA E GUERRA COMERCIAL COM OS EUA

Indústria de defesa paneuropeia

Nós europeus acompanhamos sobressaltados a evolução da situação política na América. Pela primeira vez em mais de um século de relacionamento, sentimos o abandono e a solidão geopolítica deste lado do Atlântico.

Sem autonomia estratégica e sem dissuasão própria, a Europa não é livre. O rearmamento europeu é assim crucial e sem ele, arriscamo-nos a ser irrelevantes na cena mundial.

Neste contexto uma reindustrialização europeia puxada pelas indústrias de defesa é vital.

Conviria que a Europa aprendesse com os americanos o conceito de indústrias duais, em que o Pentágono, o verdadeiro Ministério da Indústria e Tecnologia dos EUA, passa às empresas privadas fabulosos contratos de desenvolvimento de equipamento militar. O contribuinte americano, através dos gastos de despesa, paga o desenvolvimento dessas tecnologias e a partir daí as empresas facilmente desenvolvem produtos para aplicações civis utilizando tais tecnologias, o que leva a que os impulsos de despesa pública tenham óbvios efeitos de supply-side na economia, com a dinamização do lado da oferta e a criação de valor no mercado com a produção de bens e serviços de forte conteúdo tecnológico.

É preciso construir uma indústria de defesa paneuropeia e aumentar os gastos militares. A actual capacidade militar europeia é insuficiente para ajudar a Ucrânia. Por exemplo, temos modernos aviões de combate mas faltam-nos as munições capazes de destruir defesas anti-aéreas. A Comissão Europeia (CE) resolveu começar por anunciar um gasto de €800 mil milhões mas sem ter previamente feito um programa credível para



- Parte do impacto das tarifas de Trump na economia europeia poderá a vir a ser compensado pelas políticas orçamentais

construir essa indústria paneuropeia. Esta patética CE, que só se preocupava com o Green Deal, deveria dinamizar um ambicioso programa europeu para as indústrias de defesa, estimulando a formação de consórcios entre empresas e universidades europeias para o desenvolvimento e produção de tecnologias militares, privilegiando o conceito de indústrias duais, e convinha também pensar em aproveitar capacidades que ficam ociosas por exemplo na indústria automóvel para produção de equipamentos militares.

Precisamos dum mercado único para a defesa, aumentando a concorrência entre fornecedores, o que aumentaria as capacidades militares por euro gasto, e também de compras conjuntas a nível europeu, o que harmonizaria os standards entre os exércitos dos estados-membros minimizando a actual dispersão e levando a ordens de compra de maior dimensão conduzindo a menores preços unitários. A maior parte do equipamento militar americano que não temos, tais como satélites de partilha de intelligence e mísseis hipersónicos, não poderá ser produzido por um estado-membro sozinho, precisa dum esforço paneuropeu. E depois o esforço financeiro de cada estado-membro tem de ser complementado por um fundo europeu focado em promover compras paneuropeias e em apoiar os estados-membros mais vulneráveis financeiramente neste esforço conjunto de rearmamento.

Parte do impacto das tarifas de Trump na economia europeia poderá a vir a ser compensado pelas políticas orçamentais, designadamente da Alemanha, como veremos adiante.

E face às pressões orçamentais, para as quais o aumento previsto de novos gastos de despesa militar em cerca de 1,5% do PIB (adicional esse que segundo a CE não contará para o défice mas conta para a despesa e para dívida colocada nos mercados que vai financiar tal despesa, já se sentiu alguma tensão nas taxas de juro da zona euro.



- A União Europeia tem um excedente comercial com os EUA da ordem dos € 198 mil milhões

- A Comissão Europeia ia retaliar com um primeiro pacote com taxa de 25%

Entretanto, o BCE reduziu de novo as taxas de juro para fazer face à incerteza criada por Trump.

Guerra comercial com os EUA

A União Europeia tem um excedente comercial com os EUA da ordem dos € 198 mil milhões, sendo a balança de bens (a velha balança de mercadorias) excedentária mas deficitária na balança de serviços onde, com já referido, os EUA apresentam um ponto muito forte na exportação de software e de serviços tecnológicos e de informações. Os EUA são o principal cliente (26% das exportações comunitárias) e o segundo fornecedor da UE (13.7% das importações comunitárias), sendo a China o primeiro fornecedor da UE (21.3% das nossas importações).

E há o risco dos mercados europeus serem invadidos por produtos baratos de sobrecapacidade industrial instalada na China na sequência da travagem das exportações chinesas para os EUA

Como já referido, as novas tarifas impostas pelos Estados Unidos à UE seriam de 20% e incidiriam sobre € 350 mil milhões de exportações europeias, automóvel incluído, o que representa 70% das nossas exportações para os EUA.

A Comissão Europeia (CE) ia então retaliar com um primeiro pacote com taxa de 25% e incidindo sobre apenas 26 mil milhões de dólares de exportações americanas, incidindo não só sobre o aço e o alumínio mas também sobre o ferro, tabaco, sumo de laranja, arroz, têxteis e produtos de maquilhagem. Havia uma isenção que ficou famosa, a do whisky americano, o Bourbon, porque a Itália e a França conseguiram da CE essa isenção para evitar a retaliação americana sobre os vinhos e sobre o champanhe francês. E a lógica europeia parecia ser a de pôr tarifas sobre produtos que afectem o eleitorado de Trump.



- A UE ficará sozinha a tentar descarbonizar o mundo, quando só emite 6% do CO2 mundial

E preparava-se um segundo pacote em que provavelmente também iriam ser taxados os serviços americanos exportados, o tal ponto forte americano, e em que também aparecia a soja.

Entretanto, o pacote foi suspenso pela CE, face ao adiamento por noventa dias das tarifas americanas. Para os que, como eu, que defendem que devemos tentar evitar uma guerra comercial com os EUA, é caso para dizer que a tradicional lentidão europeia nas respostas aos outros blocos às vezes tem vantagens...

O impasse estrutural europeu

E não sendo um Estado Federal como os EUA nem um Estado Centralizado com o férreo controlo político do Partido Comunista como a China, a UE enfrenta sérias dificuldades para enfrentar os grandes desafios estruturais de competitividade face a estas duas potências hegemónicas, o que implica o aprofundamento do mercado único europeu, e esforços paneuropeus acrescidos, designadamente na defesa e na Investigação, desenvolvimento tecnológico e Inovação, como os relatórios Letta e Draghi bem assinalam.

Por outro lado e face à saída dos EUA do Acordo de Paris, a UE ficará sozinha a tentar descarbonizar o mundo, quando só emite 6% do CO2 mundial! A China continuará no faz de conta...

Se Trumpe a crise transatlântica tiverem servido para os europeus ganharem consciência da sua fraqueza, a Europa poderá renascer revigorada. Seria o lado positivo para nós da revolução trumpiana.



- O modelo de negócios alemão assentava na tripla externalização da defesa à Nato e aos EUA, da energia à Rússia e da indústria à China

3.A ALEMANHA E O NOVO GOVERNO ´

O modelo económico alemão

A Alemanha é a mais poderosa economia europeia, mas tem estado em recessão nos dois últimos anos. As eleições de 23 de Fevereiro passado foram muito importantes também para o futuro da União Europeia (UE).

A percepção de que a imigração ilegal estava sem controlo favoreceu o crescimento da AfD da extrema-direita. Os Verdes alemães, com o fundamentalismo climático de só quererem uma rede eléctrica com energias intermitentes eólica e fotovoltaica e apenas veículos eléctricos banindo os veículos com motor térmico, levaram a Alemanha e a própria UE a um trágico impasse na energia e na indústria, designadamente no sector automóvel. O abandono da energia nuclear levou, como escrevi na altura, a terem que recorrer mais ao carvão e ao gás natural com a consequente e perigosa dependência da Rússia, ao aumento dos preços da electricidade e ao aumento das emissões do CO2. Nos automóveis, assistimos à invasão da Europa pelos veículos eléctricos chineses, pondo em grandes dificuldades o sector automóvel na Alemanha. Os alemães atrasaram-se quer na indústria quer na Administração Pública na passagem para o digital. Os altos preços da energia levaram as grandes empresas alemães a ameaçarem deslocalizar-se para outras paragens, designadamente para os EUA, aprofundando a desindustrialização em curso. O modelo de negócios alemão, assente na tripla externalização da defesa à Nato e aos EUA, da energia (gás natural) à Rússia e da indústria à China quer para o aprovisionamento de componentes quer para a venda dos produtos da então excelente indústria electromecânica alemã, esgotou-se. Um governo disfuncional de três partidos, SPD, Liberais e Verdes, liderado pelo social-democrata Scholz, completava o quadro do impasse alemão.



- Uma política económica mais realista na vertente energia-clima

- Criar um fundo adicional extra-orçamento de € 500 mil milhões para investimentos em infraestruturas

As eleições na Alemanha e o novo governo CDU/SPD

Nestas eleições tivemos a vitória da CDU/CSU liderada pelo democrata-cristão Friederich Merz que será o novo chanceler. A AfD ficou em segundo, o SPD em terceiro, averbando uma contundente derrota do Chanceler Scholz, os Verdes em quarto e os Liberais não entraram no Parlamento por não atingirem o mínimo de 5%. Vamos ter uma grande coligação CDU/SPD. Poderemos ter o regresso ao nuclear, já prometido por Merz provavelmente com os pequenos reactores nucleares (SMR), e uma política económica mais realista na vertente energia-clima que não comprometa a competitividade e propicie a recuperação económica da Alemanha. Merz propõe ainda mais controlo da imigração, nomeadamente dos estados islâmicos, redução drástica do IRC para estimular a economia, flexibilizar as leis do trabalho, não taxar os reformados que queiram regressar ao mercado de trabalho, maior autonomia das escolas com mais poder para os professores, reforço dos orçamentos regionais, modernizar o aparelho do Estado e digitalizá-lo. Mas a coligação forçada com o SPD obrigou Merz a algumas cedências. Em todo o caso, o acordo feito parece prever: baixa de impostos, alívio da factura energética para as empresas, regras mais apertadas para a atribuição de subsídios sociais, subida do salário mínimo imposta pelo SPD e a criação dum Conselho de Segurança Nacional. No nuclear, CDU e SPD não chegaram ainda a acordo. O SPD terá os Ministérios das Finanças, da Defesa e da Justiça o que mostra, sobretudo nos dois primeiros, grandes cedências de Merz ao SPD. O parceiro junior da CDU, a bávara CSU, terá o Ministério do Interior, crucial no que toca ao controlo da imigração, e a CDU as restantes pastas.

A abolição da debt brake

Merz aproveitou ainda o Parlamento que iria ser dissolvido para terminar com a chamada debt brake, fazendo uma emenda constitucional que permite que gastos de



- Teremos dois desafios a nível europeu para executar o novo fundo alemão: a alteração do PEC e a europeização dos gastos militares alemães

defesa acima de 1% do PIB não sejam travados por limites à dívida pública. Essa emenda também permitiu criar um fundo adicional extra-orçamento de € 500 mil milhões para investimentos em infraestruturas num horizonte de 12 anos, dos quais €100 mil milhões em matérias relacionadas com o clima.

Isto levanta um problema às regras do Pacto de Estabilidade e Crescimento(PEC) impostas pela Alemanha a todos nós! Com efeito, assumindo um crescimento nominal do PIB entre 2.5-3% e um investimento de longo prazo à volta de 3-3.5% do PIB financiado pelo tal fundo, isso levará a dívida pública a ultrapassar os 60% do PIB, o que viola o PEC! Assim o PEC impedirá a Alemanha de executar a pleno as verbas do fundo, apenas se podendo contentar com os tais aumentos de 1.5% do PIB em despesa militar já acordados pela CE... Será pois a Alemanha a querer mudar as regras do PEC, que ela impôs, para executar em pleno o fundo!

É evidente que o aumento dos gastos orçamentais alemães puxará pela economia europeia mas por outro lado os gastos militares alemães poderão fragmentar ainda mais a indústria europeia de defesa se forem dirigidos apenas à indústria alemã.

Assim, teremos dois desafios a nível europeu para executar o novo fundo alemão: a alteração do PEC e a europeização dos gastos militares alemães.

Em suma, a Alemanha, que tem sido a locomotiva europeia, esteve em recessão, está em dificuldades numa forma geral nos sectores intensivos em energia e muito particularmente na química e na indústria automóvel, e atrasou-se na digitalização e na modernização das suas infraestruturas. Toda a Europa aguarda com expectativa o relançamento da economia alemão e os investimentos vultuosos nas infraestruturas e na defesa já anunciados pelo novo Chanceler Merz.



- A economia portuguesa estacionou num crescimento à volta dos dois por cento

- Crescimento do salário médio por trabalhador acima do crescimento da produtividade, com consequente perda de competitividade

4.ECONOMIA PORTUGUESA

Crescimento económico e finanças públicas

Condicionada pelo fraco crescimento do nosso PIB potencial, a economia portuguesa estacionou num crescimento à volta dos dois por cento. Se as coisas correm bem, designadamente no plano externo, o nosso crescimento poderá, puxado pelo sector externo, ser um pouco acima dos 2%, se conjunturalmente as coisas não correm bem, cresceremos abaixo dos 2%. Precisaríamos das tão faladas reformas estruturais para fazer crescer o PIB potencial. A aparente boa ou razoável conjuntura económica tem mascarado na economia portuguesa os sérios problemas estruturais que persistem.

Voltámos a ter em 2024 de novo um superavite orçamental de 0.7% do PIB mas, tal como no ano de 2023, tal deve-se a excedentes da Segurança Social pois que a Administração Central continua a deficitária.

Mais uma vez, a fraca expressão do investimento público, cuja execução ficou abaixo do previsto, ajudou a controlar a despesa pública total.

Mas há um facto que merece um comentário adicional e que é objecto dum excelente artigo do prof. Óscar Afonso no Eco. Trata-se do ligeiro aumento verificado na carga fiscal que passou de 35.6% em 2023 para 35.7% em 2024, apesar da ligeira redução que houve no IRS e IRC. Como explicou o Ministro das Finanças Miranda Sarmento, a carga fiscal dos impostos reduziu-se de 25.1% para 24.9% do PIB, mas a carga fiscal global teve esse aumento atrás referido pelo facto de as contribuições para a Segurança Social terem crescido acima do PIB nominal. Tal indicia um crescimento do salário médio por trabalhador (arrastado pelo salário mínimo) acima do crescimento da produtividade por trabalhador, como explica o prof. Óscar Afonso, traduzindo um aumento dos custos laborais e a consequente perda de competitividade, tudo o resto



- Portugal já tem um cluster na defesa

constante, pois que a Taxa Social Única (TSU), que eu tinha criado como Ministro do Trabalho e Segurança Social juntando as contribuições para a Segurança Social e para o Fundo de Desemprego, se manteve constante e não terá havido aumento significativo da eficácia da máquina fiscal na colecta dos impostos fiscais e parafiscais, como a TSU. Ora esta subida do salário médio por trabalhador é explicada basicamente pela subida do salário mínimo. Assim sendo, tivemos mais uma vez uma subida do salário mínimo explicada por razões sociais e políticas e não por razões económicas.

Gastos públicos com a defesa

Como já explicado, os países da UE, que são membros da Nato, vão ter que aumentar as suas despesas em defesa. Portugal apenas terá gasto em defesa em 2024 1.6% do PIB, o 7º mais baixo dos países da Nato, e essa despesa foi sobretudo em pessoal (60% do total) e não em equipamento. Teremos aqui no curto-médio prazo uma necessidade de aumentar o nosso nível de despesa militar, o que configurará um factor de pressão adicional sobre as nossas finanças públicas. Mas Portugal já tem um cluster para a aeronáutica, espaço e defesa e competências para participar no esforço europeu das indústrias de defesa, designadamente nos drones, na construção e reparação naval, no espaço, na robótica, nos materiais avançados, TI, têxteis e calçado.

As tarifas de Trump e o Programa Reforçar

Portugal é ameaçado pelas tarifas de Trump de forma directa na medida em que as empresas portuguesas que já exportavam para os EUA, o quarto mercado exportador a seguir à Espanha, Alemanha e França, como a farmacêutica, a metalurgia e metalomecânica, as componentes para automóveis, os vinhos, o agroalimentar e os têxteis, na sequência dum notável esforço de diversificação dos mercados europeus para um mercado que oferecia maior potencial de crescimento como o americano, são afectados por essa medidas protecionistas. Mas a economia portuguesa também é



- Portugal é ameaçado pelas tarifas de Trump de forma directa e indirecta

apanhada de forma indirecta na medida em que na sequência desta políticas a travagem das exportações para os EUA das grandes economias europeias como a Espanha, Alemanha e França, nossos principais clientes na Europa, leve a um arrefecimento destas economias com consequências negativas para as exportações portuguesas para estes nossos clientes europeus.

Segundo o Banco de Portugal, o mercado americano representa 12% das exportações de têxteis, 11.5% das exportações minerais não metálicos e 10% das exportações de bebidas, sendo então pelo nível de exposição os sectores mais expostos ao protecionismo americano.

Reduções de impostos, lay-offs simplificados, designadamente no sector automóvel tal como se fez no Covid, e apoios à promoção internacional e à diversificação das nossas exportações eram algumas das medidas pedidas pelas empresas e respectivas associações e confederações ao governo.

Pacote de apoio às empresas portuguesas, o PROGRAMA REFORÇAR

Neste contexto, o Ministro da Economia Pedro Reis apresentou um pacote de apoio às empresas portuguesas, o **PROGRAMA REFORÇAR**, que, ao avaliar pelas reações, parece ter sido bem recebido pelas empresas e associações empresariais.

O programa conta com uma **verba de € 10085 milhões** repartida entre:

-1.Garantias BPF Invest Eu reforçadas de €5185 milhões para linhas de garantia para empresas destinadas ao apoio ao Fundo de Maneio e ao Investimento

-2.Linhas BPF Invest PT Export de €3500 milhões para novas linhas de financiamento para empresas exportadoras com finalidade de Investimento (com €400 milhões de subvenção) e para Fundo de Maneio (sem subvenção)



- Mais do que uma
necessidade, a
transformação digital
é uma vantagem
estratégica

-3.Reforço dos Seguros de Crédito à Exportação em €1200 milhões com novos plafonds para diversificação para outros mercados

-4.Novo Programa de Incentivos do PT2030 em €200 milhões para apoio à exportação e internacionalização para novos mercados. Trata-se no fundo do lançamento no PT2030 de programas já bem conhecidos no PT2022, como o **SIAC Internacionalização com € 50 milhões** para campanhas de promoção internacional e prospeção conjunta de novos mercados, com associações empresariais e agências públicas, e de **Internacionalização de PME** com €150 milhões quer para aumento da presença internacional em feiras e eventos internacionais quer para ações de prospeção e marketing externo.

Os dois primeiros programas são da responsabilidade do Banco Português de Fomento (BPF), havendo aqui um teste muito grande à eficácia e capacidade de resposta da nova gestão do banco, o terceiro da responsabilidade da Agência de Crédito à Exportação, que deverá fazer parcerias com bancos promocionais semelhantes ao BPF como o espanhol ICO, o alemão KFW, que bem conheço dos meus tempos do Banco de Fomento Nacional, o francês BPI France e o inglês British Business Bank, e o quarto programa será, como já aconteceu no PT2020 da responsabilidade do Programa Compete, o programa operacional para a economia do PT2030, e das agências públicas AICEP e IAPMEI.

A estratégia Empresarial e a Inteligência Artificial

No que toca ainda às empresas e num contexto de grande volatilidade e incerteza económica, os gestores portugueses enfrentam desafios internos e externos que exigem respostas estratégicas. Para 2025, o crescimento e a competitividade empresariais surgem como prioridade, com foco na eficiência operacional e no posicionamento estratégico face às ameaças externas e à evolução tecnológica.



Neste contexto, a evolução tecnológica e a adoção de soluções inovadoras tornam-se fundamentais para a sustentabilidade e o crescimento das organizações. A Inteligência Artificial, aliada a outras tecnologias emergentes, está a redefinir a forma como as empresas operam, impulsionando a eficiência, a agilidade e a capacidade de resposta a um mercado em constante mudança. Mais do que uma necessidade, a transformação digital é uma vantagem estratégica que permitirá às organizações não só adaptarem-se, mas também liderarem num cenário competitivo e em permanente evolução.



6. FLORESTA DO FUTURO, DESAFIOS DO PRESENTE

- A floresta é a maior ocupação do solo em Portugal



THE
NAVIGATOR
COMPANY

A floresta é a maior ocupação do solo em Portugal, cobrindo mais de três milhões de hectares, o que corresponde a 36% do território nacional, segundo o último Inventário Florestal Nacional (IFN6) – publicado em 2019, com dados relativos a 2015.

Ao longo do séc. XX, a área florestal cresceu significativamente, considerando que, no final do séc. XIX, apenas 7% do território era área arborizada. Esse aumento deve-se, em grande parte, à floresta plantada, que tornou Portugal mais verde e economicamente mais forte.

Atualmente, de acordo com os dados do INE, a floresta é sinónimo de:

- Criação de riqueza – responsável por 6% do Produto Interno Bruto (em 2022) e 8% das exportações nacionais (em 2023);
- Criação de emprego – em 2021, assegurava mais de 100.000 empregos diretos.



- A The Navigator Company é o terceiro maior exportador português

A floresta e a indústria a ela associada representam também um travão à desertificação do interior do país, promovendo a dinamização da economia e a fixação de populações no mundo rural. Ao mesmo tempo, a floresta é um valor ambiental de enorme relevância e um aliado incontornável no combate à crise climática:

- Sequestra carbono;
- Regula o ciclo hidrológico;
- Promove a fertilidade dos solos;
- E contribui para a proteção da biodiversidade.

A The Navigator Company

Dentro da fileira florestal, o peso da The Navigator Company é notório. A vocação internacional da empresa, tão antiga quanto a sua própria história, tem vindo a consolidar-se ao longo das últimas décadas. Hoje, a Navigator:

- É responsável por cerca de 1% do PIB nacional.
- É o terceiro maior exportador português – assegura 30% das exportações do setor florestal, ou seja, cerca de 2% do total do País.
- Coloca 92% da sua produção nacional em 134 países nos cinco continentes;
- É a empresa que gera o maior Valor Acrescentado Nacional, fruto da elevada incorporação local – 80% dos seus mais de 8 mil fornecedores são portugueses;
- É o maior produtor europeu de papéis UWF e líder mundial no segmento premium;
- É responsável por mais de 30 mil empregos (diretos, indiretos e induzidos) em Portugal.



- Apesar de a floresta representar a maior ocupação do território nacional, Portugal é o segundo país da UE com menor área florestal sob gestão

Os grandes desafios do setor: da escassez de matéria...

Apesar de tudo isto, a floresta enfrenta hoje enormes desafios. A começar pela escassez de matéria-prima nacional, decorrente de políticas públicas e legislação que restringem a plantação de eucalipto, bem como da ausência de estratégias com sentido de futuro.

A produção florestal de eucalipto não tem acompanhado, em Portugal, o aumento internacional da procura de produtos com origem nesta matéria-prima. E esse desfasamento tem obrigado à importação de madeira, que poderia ser produzida internamente, com vantagens ambientais, sociais e económicas. De referir que 24% da ocupação do solo em Portugal são áreas de incultos.

Poder-se-ia pensar que a escassez de matéria-prima se resume a um problema de sustentabilidade do setor. Mas a questão é mais abrangente: este constrangimento é um problema da floresta portuguesa como um todo e, conseqüentemente, é um problema do país. A produtividade e a rentabilidade são essenciais para voltar a atrair as pessoas para as suas terras, incrementando a gestão ativa e, nessa medida, promovendo uma floresta menos abandonada e mais sustentável. Apesar de a floresta representar a maior ocupação do território nacional, Portugal é o segundo país da União Europeia com menor área florestal sob gestão.

Num contexto de transição para modelos de desenvolvimento mais sustentáveis, o impacto deste constrangimento de matéria-prima torna-se especialmente negativo. A pasta de eucalipto é hoje utilizada pela The Navigator Company como base para uma nova geração de bioprodutos. Estas soluções, concebidas para responder a desafios globais, não só reforçam a competitividade da indústria nacional, como também consolidam o papel de Portugal como referência mundial em inovação e produção no quadro da bioeconomia circular de base florestal – uma alternativa viável e sustentável ao modelo fóssil e linear.



- Só com preços de energia competitivos e estáveis será possível potenciar o seu papel na reindustrialização verde

... aos custos da energia

Os custos elevados da eletricidade em Portugal representam outro entrave significativo à competitividade da indústria de pasta e papel, especialmente quando comparados com países como Espanha, França e Alemanha. Este setor, que contribui com 1,2% para o PIB e 4,0% para as exportações nacionais, tem um peso económico superior ao verificado nos países referidos, mas enfrenta desafios acrescidos devido à fatura energética. Só com preços de energia competitivos e estáveis será possível potenciar o seu papel na reindustrialização verde do país e na criação de novos clusters de baixa intensidade carbónica.



7. LEGISLAÇÃO

TELLES

ENERGIA E AMBIENTE

[Despacho n.º 185/2025, de 6 de janeiro:](#) Estabelece o calendário e procedimentos a observar na apreciação do plano de investimentos e contas reguladas previsionais do período regulatório de 2025-2027 das entidades gestoras de sistemas multimunicipais de tratamento e de recolha seletiva de resíduos urbanos que sejam entidades de capitais exclusiva ou maioritariamente privados.

[Diretiva da ERSE n.º 3/2025, de 6 de fevereiro:](#) Aprova as condições gerais do acordo de acesso com restrições para instalações de produção ou de armazenamento autónomo.

[Despacho n.º 1859/2025, de 10 de fevereiro:](#) Aprova os procedimentos a adotar no âmbito da instrução dos pedidos de licenciamento de instalações de armazenamento.

[Regulamento 2025/40 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 19 de dezembro de 2024:](#) aprovação do Packaging and Packaging Waste (“PPWR”) relativo a embalagens e resíduos de embalagens, alterando o Regulamento (UE) 2019/1020 e a Diretiva 2019/904 e revogando a Diretiva 94/62/CE.

[Decreto-Lei n.º 11/2025, de 19 de fevereiro:](#) Transpõe parcialmente a Diretiva (UE) 2024/1275, relativa ao desempenho energético dos edifícios, e altera o Decreto-Lei n.º 101-D/2020, de 7 de dezembro.

[Case of Cannavacciuolo and other vs. Italy:](#) a 30 de janeiro de 2025, o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem (TEDH) proferiu um acórdão afirmando que os Estados têm o dever de proteger o direito à vida contra a poluição ambiental em grande escala, nos termos do artigo 2 da Convenção Europeia dos Direitos do Homem.



PÚBLICO

[Decreto-Lei n.º 122/2024](#) - Cria a Agência para o Clima, I. P.

[Projeto de Lei 552/XVI/1 \[IL\]](#): Alteração ao Código de Processo nos Tribunais Administrativos.

IMOBILIÁRIO

[Decreto-Lei n.º 117/2024, de 30 de Dezembro](#): Altera o Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio.

LABORAL

[Portaria n.º 14/2025/1](#), de 20 de janeiro – Altera a Portaria n.º 324/2017, de 27 de outubro, que fixa os encargos a suportar pelas entidades empregadoras com a verificação da incapacidade para o trabalho dos respetivos trabalhadores, mediante a realização de juntas médicas ou através da verificação domiciliária da doença.

[Lei n.º 9/2025](#), de 13 de fevereiro – Altera a Lei n.º 23/2007, de 4 de julho, que aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional e modifica a concessão das Autorizações de Residência para os cidadãos nacionais de Estados-Membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e a sua validade temporal.

SOCIETÁRIO

[Decreto-Lei n.º 9/2025, de 12 de fevereiro](#): Estabelece a Classificação Portuguesa das Atividades Económicas, Revisão 4.

[Portarian.º 41/2025/1, de 17 de fevereiro](#): Altera os modelos de demonstrações financeiras



para as diferentes entidades que aplicam o Sistema de Normalização Contabilística, na sequência das alterações à Norma Contabilística e de Relato Financeiro.

CONCORRÊNCIA

[AdC condena Grupo Inetum por práticas anticoncorrenciais no mercado laboral:](#) A Autoridade da Concorrência (AdC) condenou três empresas do grupo multinacional de consultoria tecnológica Inetum, a uma coima de €3.092.000 por práticas anticoncorrenciais no mercado laboral, ocorridas durante, pelo menos, sete anos.

PRIVACIDADE E CIBERSEGURANÇA

[Regulamento \(EU\) 2025/327 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 11 de fevereiro de 2025:](#) relativo ao Espaço Europeu dos Dados de Saúde que altera a Diretiva 2011/24/EU e o Regulamento (EU) 2024/2847.

[Regulamento Delegado \(UE\) 2025/471 da Comissão, de 2 de setembro de 2024:](#) altera o Regulamento Delegado (UE) 2023/137 no que diz respeito à aplicação de determinados requisitos em matéria de transmissão de dados.

PROPRIEDADE INTELECTUAL

[Despacho nº 2196/2025, de 18 de fevereiro:](#) regula os requisitos formais dos requerimentos e dos documentos apresentados nos pedidos de registo e no decurso de um procedimento previsto no Código da Propriedade Industrial.

[Deliberação nº 429/2025, de 25 de março:](#) atualiza as taxas de propriedade industrial constantes do anexo da Portaria nº 201-A/2019, com efeito a 1 de julho de 2025.

DIGITAL



[Projeto de Resolução 725/XVI/1, em fase de discussão em plenário](#): visa criar a Agência Portuguesa para a Inteligência Artificial (APIA, I.P.).

[Regulamento de IA \(EU\) 2024/1689 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 13 de junho de 2024](#): Regulamento da inteligência artificial, que entrou em vigor em agosto de 2024, vê as suas primeiras disposições aplicáveis a 2 de fevereiro de 2025, destacando-se a aplicação das regras relativas à definição de «sistema de IA», da obrigação de garantir literacia em IA e das regras relativas às práticas de IA proibidas.

MOBILIDADE INTERNACIONAL

[Lei n.º 9/2025, de 13 de fevereiro](#): altera a Lei n.º 23/2007, de 4 de julho, que aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional, procedendo à execução no ordenamento jurídico interno do Regulamento (UE) 2017/2226, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 30 de novembro de 2017, e modificando a validade temporal das autorizações de residência a cidadãos de Estados-Membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

ESTE DOCUMENTO TEM O APOIO DE:



TELLES
— ADVOGADOS —